

---

**Intervenções culturais e novas tecnologias:  
Processos de subjetivação e novas configurações espaço-temporais<sup>1</sup>**

José Enzo Soares dos Santos<sup>2</sup>

Ana Lucia Barbosa Moraes<sup>3</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

## RESUMO

O presente estudo é resultado de alguns desdobramentos do projeto de pesquisa "Territórios, fronteiras e intervenções culturais: estudo sobre coletivos culturais no bairro da Ribeira em Natal". Este trabalho visa a verificar como os processos de subjetivação e as noções de espaço e tempo são ressignificados na experiência das intervenções culturais no bairro histórico da Ribeira a partir dos novos usos das tecnologias virtuais. Foi realizada uma abordagem bibliográfica sobre o conceito de nomadismo, usos do centro histórico, relações contemporâneas com o espaço e intervenções culturais. Foram efetuadas entrevistas com o objetivo de compreender as diferentes visões das ações culturais na Ribeira. Por fim, baseando-nos na observação participante, participamos das intervenções no Circuito Cultural da Ribeira.

**PALAVRAS-CHAVE:** Intervenções Culturais, Ribeira, Nomadismo, Processo de subjetivação, Novas Tecnologias

## INTRODUÇÃO

Nossas relações com o espaço foram modificadas com a popularização das novas tecnologias da informação, no nosso caso de estudo, principalmente com a popularização dos *smartphones*. Os limites relacionados à experiência do espaço geográfico onde estamos parecem não mais existir, já que somos capazes de estar em diferentes lugares instantaneamente e simultaneamente por meio desses aparelhos. Segundo Zygmunt Bauman:

Hoje em dia estamos todos em movimento. [...] No mundo que habitamos, a distância não parece importar muito. Às vezes parece que só existe para ser anulada, como se o espaço não passasse de um convite contínuo a ser desrespeitado, refutado, negado. O espaço deixou de ser um obstáculo, basta uma fração de segundo para conquistá-lo. Não há mais "fronteiras naturais" nem lugares óbvios a ocupar." Onde quer que estejamos em determinado momento, não podemos evitar de saber que poderíamos estar em outra parte, de

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na IJ08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação, da Intercom Júnior – XX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 3º semestre do Curso de Jornalismo da UFRN, e-mail: enzo.soares.706@ufrn.edu.br

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Professora Adjunta do DECOM da UFRN, e-mail: ana.lucia.moraes@ufrn.br

---

modo que há cada vez menos razão para ficar em algum lugar específico. (BAUMAN, 1999, p. 85)

Este movimento constante, apontado por Bauman, justifica a relevância da retomada do conceito de "nomadismo" para melhor compreendermos, na contemporaneidade, as mudanças nas relações espaço-temporais. As novas tecnologias digitais possibilitam formas diferentes de experiências culturais e de subjetivação, reconfigurando as interações humanas e o entendimento do espaço que permitem novas formas de experiências urbanas nas intervenções culturais.

Dessa forma, o presente artigo busca explorar como o nomadismo contemporâneo, impulsionado pelas tecnologias digitais, está redefinindo as relações espaço-temporais e suas implicações para a subjetivação dos corpos. O agenciamento entre pessoas, tecnologia e espaço urbano nas atividades artísticas do centro histórico de Natal revela as novas possibilidades de se experimentar tais intervenções.

A capacidade de estar em diferentes lugares simultaneamente e instantaneamente está reconfigurando as noções tradicionais de espaço e tempo. Não existe mais uma linearidade contínua entre espaço e tempo quando, ao mesmo tempo, somos corpo-matéria e corpo-digital. Buscamos proporcionar uma compreensão mais profunda das transformações em curso ocasionadas por essas novas tecnologias e na redefinição da relação espaço-temporal, bem como nos processos de subjetivação dentro desses espaços redefinidos.

## **TRATADO DE NOMADOLOGIA: A MÁQUINA DE GUERRA**

Em seu "Tratado de Nomadologia: a Máquina de Guerra", Deleuze e Guattari definem o nomadismo como uma forma de estar no mundo que contesta as hierarquias, subvertendo as expectativas sociais. A proposta V do tratado é assim formulada: "A existência nômade efetua necessariamente as condições da máquina de guerra no espaço." (DELEUZE E GUATTARI, 1997, p. 50). O nômade teria território, seguiria trajetos costumeiros, iria de um ponto a outro, entretanto, o nomadismo seria caracterizado por três princípios, que o diferenciariam do sedentarismo: em primeiro lugar, ainda que os pontos determinem trajetos, estariam subordinados aos trajetos que eles determinam, ao contrário do que sucede no caso do sedentário; em segundo lugar, por mais que o trajeto nômade siga pistas ou caminhos costumeiros, não teria a função

---

do caminho sedentário, que consistiria em distribuir aos homens um espaço fechado, atribuindo a cada um sua parte, e regulando a comunicação entre as partes. O trajeto nômade faria o contrário, distribuiria os homens num espaço aberto, indefinido, não comunicante. Seria uma distribuição muito especial, sem partilha, num espaço sem fronteiras, não cercado. Teria a consistência de um conjunto fluido; em terceiro lugar, haveria uma grande diferença de espaço: o espaço sedentário seria estriado, por muros, cercados e caminhos entre os cercados, enquanto o espaço nômade seria liso, marcado apenas por "traços" que se apagariam e se deslocariam com o trajeto.

Pudemos observar, de maneira prática, como esse nomadismo está presente nos deslocamentos e nas experiências socioculturais tal como vividas atualmente, na Ribeira, durante o Circuito Cultural da Ribeira, em 17 de Setembro, 22 de Outubro e 12 de Novembro de 2023.

O Circuito Cultural da Ribeira, evento que promove a integração e a multiplicidade de intervenções artísticas no bairro histórico da cidade do Natal, que não ocorria desde o ano de 2018, voltou à Ribeira em 2023. A programação do evento contou com diferentes propostas artísticas e culturais: exposição fotográfica, apresentações de dança contemporânea e peças de teatro, shows ao vivo de artistas locais e nacionais, bateria da escola de samba Balanço do Morro, chorinho, samba e música eletrônica (*house, techno, trance*), ocupação imersiva e poética, sarau, mostra de cinema, dentre outras. Todas essas produções, ocuparam os espaços físicos em diferentes pontos do bairro da Ribeira.

Por meio da observação participante no evento, fomos capazes de experimentar como se dá o nomadismo e os processos que o formam. Por meio das redes sociais como *Instagram* e *WhatsApp* conseguimos acompanhar tudo - ou quase tudo - que acontecia ao mesmo tempo dentro do evento, desde acompanhar a programação até a comunicação para saber onde pessoas conhecidas se encontravam. Nessa experiência percebemos como não existe uma linearidade ou itinerário definido dentro desse espaço. Pode-se, como fizemos, subjetivamente buscar aquilo que parece interessante e, assim, criar um percurso, cujos pontos não são pré-determinados, mas escolhidos segundo a instantaneidade das informações.

Igualmente, por meio dos *Stories*, função do *Instagram* que permite publicar rapidamente fotos e vídeos, podemos estar em um lugar sem necessariamente estar

naquele espaço, tornando-nos observadores digitais e vivenciando o que ocorre fora do nosso próprio espaço através das telas de nossos *smartphones*. Decidimos também, por meio dessa observação, se vamos nos deslocar para tal espaço ou não; analisamos se o rolê está “flop” ou divertido; acompanhamos a programação para saber o que está acontecendo ou o que vai acontecer depois do evento em que estamos. O espaço da Ribeira torna-se um espaço aberto, fluido, uma vez que a simultaneidade de experiências e os deslocamentos constantes não mais definem um espaço fechado.

Por fim, os trajetos de um ponto a outro não sendo mais pré-determinados, tendem a não se repetir. Os trajetos percorridos tendem a sumir na instantaneidade do deslocamento. Observamos, portanto, que as três características do nomadismo, como definidas por Deleuze e Guattari, podem ser verificadas na experiência do Circuito Cultural da Ribeira.

## **MÁQUINAS E PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO**

Em oposição ao saber individualista e individualizante da ciência psicológica que surge no século XIX focando, na massa de corpos indiscerníveis das crescentes cidades europeias, um indivíduo singular (FOUCAULT, 1987), dotado de uma subjetividade substancial, vemos agora a proposta de um sujeito prático. Não se trata mais do mundo das representações e das essências, mas do mundo dos acontecimentos no qual vivemos e nos movemos. Considerar a subjetividade a partir de sua materialidade significa poder considerá-la como parcial, imanente, polifônica (como diria Bakhtin), coletiva e maquínica.

É fundamental para a discussão aqui apresentada compreender a proposta maquínica do pensamento de Deleuze e Guattari. Os autores formulam o conceito de agenciamento, afirmando que o agenciamento é formado pelo agenciamento coletivo de enunciação e pelo agenciamento maquínico. Excluída a concepção de uma subjetividade substancial, na qual elementos exteriores seriam interiorizados, o que temos são elementos que intervêm no próprio processo de subjetivação, tais como certo modo de usar a linguagem, de constituir sentidos de forma coletiva, de se relacionar com os outros e com o mundo. A subjetividade é produzida por agenciamentos coletivos de enunciação como os agenciamentos familiares, midiáticos, jurídicos, médicos, entre outros, que se agenciam a diversas máquinas de subjetivação -

---

linguística, midiática, literária, familiar, empresarial, comunitária, estatal, publicitária, financeira. Conceber a subjetividade como produção é perceber o mundo como povoado de máquinas. Reconhecemos, como o fez Guattari, que a subjetividade sempre esteve relacionada a equipamentos maquímicos” (GUATTARI, 1993).

Vejamos, por exemplo, como a relação entre enunciado coletivo, ou comunicação, e produção, seriam a chave para entender toda atividade social e econômica. Esquemáticamente, a comunicação, o enunciado coletivo é produzido e, por sua vez, também é produtor: nosso poder de comunicação está baseado na nossa linguagem compartilhada; o próprio ato de comunicação é conduzido no diálogo, ou seja, é polifônico, como definido por Bakhtin. Esses atos de comunicação, que estão na base da formação dos processos de subjetivação são de uma infinita riqueza, que, obviamente, pode ser capitalizada pela mídia corporativa, pelo Estado, pelos poderes instituídos e mesmo pelas mídias sociais. A captura desses enunciados significaria tolher singularidades, capturar sujeitos em formatações prévias. O que vemos nos processos de subjetivação na Ribeira, como veremos a seguir, parece não tolher as singularidades, muito pelo contrário. Parecem acolhê-las naquela polifonia de que fala Bakhtin. Não falaremos mais em termos de um sujeito dado a priori, mas em agenciamentos coletivos de enunciação e concerto polifônico de vozes. Ocorre um descentramento da questão do sujeito para a produção de subjetividade, pois esta, como nos diz Guattari constituiria a matéria-prima de toda e qualquer produção (GUATTARI, 1993).

Problematizar os processos de subjetivação nas manifestações culturais e artísticas atuais, num contexto de produção de subjetividades massificadas em consumo, em busca da afirmação de práticas criativas e enriquecedora das relações entre pessoas é lutar por novas possibilidades de existir, por novos modos de viver e de se relacionar.

E o regime da máquina de guerra é justamente antes o dos afetos, que só remetem ao móvel em si mesmo, a velocidades e a composições de velocidade entre elementos. O afeto é a descarga rápida da emoção, o revide, ao passo que o sentimento é uma emoção sempre deslocada, retardada, resistente. Os afetos são projéteis, tanto quanto as armas. As armas são afetos, e os afetos, armas.

Deleuze e Guattari comentam como as artes marciais sempre subordinaram as armas à velocidade, primeiramente à velocidade mental (absoluta); mas, através disso,

eram também as artes do suspense e da imobilidade. O afeto percorreria esses extremos. Por isso as artes marciais não invocam um código, como uma questão de Estado, mas caminhos, que são outras tantas vias do afeto; nesses caminhos, aprende-se a "desservir-se" das armas tanto quanto servir-se delas, como se a potência e a cultura do afeto fossem o verdadeiro objetivo do agenciamento, a arma sendo apenas meio provisório. Aprender a desfazer, e a desfazer-se, é próprio da máquina de guerra: o "não-fazer" do guerreiro, desfazer o sujeito. Desfazer o sujeito substancial para formular a possibilidade de um processo de subjetivação, prático, coletivo, polifônico que acolha e promova as diferenças.

### **AS ENTREVISTAS NA RIBEIRA**

Os espaços urbanos têm significados bem determinados desde suas primeiras fundações. Esses territórios carregam delimitações geográficas, tipos de culturas, divisões sociais, universos estéticos, etc., como bem definido por Deleuze e Guattari:

O território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio do qual um sujeito se sente "em casa". O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto dos projetos e das representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos. (GUATTARI, 1996, p. 323)

A cidade capitalista, necessita desses territórios para que se mantenha em constante controle. É essencial que existam espaços elitizados, marginalizados, de comércio, etc., bem delimitados para que assim possa existir o controle sobre as pessoas que transitam ali e também sobre o próprio espaço urbano. Como afirmam Michael Hardt e Antonio Negri:

A administração das comunicações [...] aparece hoje, mais do que nunca, como prerrogativa soberana. Tudo isso, entretanto, se dissolve no éter. Os sistemas contemporâneos de comunicação não estão subordinados à soberania; ao contrário, a soberania parece estar subordinada às comunicações – ou, efetivamente, a soberania é articulada por meio de sistemas de comunicação. [...] No campo da comunicação, os paradoxos que produzem a dissolução de soberania territorial e/ou nacional são mais claros do que nunca. As capacidades desterritorializantes da comunicação são únicas: a comunicação não é satisfeita limitando-se ou enfraquecendo-se a moderna soberania territorial; em vez disso, ela ataca a própria possibilidade de vincular uma ordem a um espaço. [...]. Aqui chegamos a um limite extremo do

---

processo de dissolução das relações entre ordem e espaço. (HARDT e NEGRI, 2001, p. 368)

Relacionando as mudanças na concepção do espaço à concepção da subjetividade como formulada por Guattari, vemos que o autor não a compreende como algo interior do sujeito, individual ou relacionado a uma essência, mas sim como a maneira que o sujeito é produzido coletivamente, produzida pelos afetos - efeitos de um corpo sobre o outro, de modo que esses corpos vão se reconfigurando e se adequando ao território cheio de significados prévios, aponta imediatamente para as afetações que ocorrem no território da Ribeira.

O bairro que nasce como uma região portuária, torna-se um espaço comercial, popular e cheio de boutiques e armazéns nos anos 40. Depois disso, passa a viver a decadência do esquecimento. Os modos de existir na Ribeira transmutam ao longo dos anos e os significados que o território carrega também mudam ao longo dos anos. O que se reflete muito na forma como a produção de subjetividade pode ser percebida ao se olhar a história do bairro.

A Ribeira, que antes servia aos comerciantes e ricos nos anos 40, sofre o abandono com o crescimento de outras regiões da cidade do Natal e começa a ser percebida a partir da imagem de decadente e marginal. Os significados se transmutam e as formas de subjetivação no espaço também. Os significados atribuídos aos que frequentam aquele território mudam e as pessoas que por ali transitam, que eram vistos como da alta classe, passam a ser prostitutas, drogados, mendigos, pesqueiros, favelados, etc. Os modos de territorialização subjetiva sempre passam por mudanças ao longo da história.

Nos anos 90, inicia-se um movimento cultural com a Blackout e a Ribeira passa a ser um espaço underground. Bares de rock e de música eletrônica abrem por entre os galpões, atividades que perduram, embora não sejam exatamente as mesmas hoje em dia. O bairro torna-se um espaço onde aqueles que não se encaixam no padrão social heteronormativo e branco podem permanecer e se encontrar.

Os relatos dos entrevistados se cruzam nesse ponto. Para Yasmin Rodrigues, 31 anos, professora de artes, “a Ribeira é um lugar muito cultural, principalmente de saídas alternativas, para se comunicar e pensar a cidade”. Para Henrique Fontes, 49 anos, diretor e produtor cultural, o bairro “Tinha uma pulsação e um entendimento de

---

diversidade (...) outro tipo de música, de artista, de pessoas”. Já Frank Aleixo, 32 anos, DJ e Produtor Cultural conta que “A Ribeira sempre teve essa fama de ser um bairro alternativo (...), então amigos meus tinham muito mais liberdade em casa de dizer que estavam indo para a Ribeira, do que pra uma boate gay (...). Era uma forma de viver e, ao mesmo tempo, se proteger através da história do bairro”.

As formas subjetivas como cada um percebe o bairro conversam entre si, já que, como formulado anteriormente, a subjetividade é produzida socialmente.

Fim das relações de complementaridade entre altura e profundidade, reviravolta radical nos conceitos de subjetividade e de sujeito. Não mais a representação do mundo na consciência de um sujeito autônomo, mas a assunção de uma floresta de objetos e de signos concatenados para formar um gosto, um jeito de vestir, um modo de viver. Não mais falar em sujeito como um être-là, dado a priori, mas em agenciamentos coletivos de enunciação, concerto polifônico de vozes, devires imperceptíveis, mutações afetivas e outras sensibilidades. (GUATTARI; ROLNIK, 1999)

A forma como o indivíduo se comunica, anda, dança, bebe, gesticula e experimenta o espaço, ou seja, como o indivíduo se produz nos espaços se dá por meio das conexões nesse modo de existência social. Assim se produz o processo de subjetivação. Como diz Guattari:

De uma maneira mais geral, dever-se-á admitir que cada indivíduo, cada grupo social veicula seu próprio sistema de modelização da subjetividade, quer dizer, uma certa cartografia feita de demarcações cognitivas, mas também míticas, rituais, sintomatológicas, a partir da qual ela se posiciona em relação aos seus afetos, suas angústias e tenta gerir suas inibições e suas pulsões. (GUATTARI, 1992, p.21)

Yasmin relata que abriu sua boate Yaras Porto na Ribeira, por causa de um laço afetivo que já tinha com aquele espaço, por ser um espaço underground e também porque estava pensando numa “forma de criar um farol para as coisas voltarem, acredito que minha própria consciência, naquele momento (...). O que eu queria, na real... era que outras pessoas não passassem pelo que eu passei, tá ligado? Porque isso é um processo de desenvolvimento humano mesmo... É horrível, gente. Esse processo da descoberta, de usufruir da sua identidade sem precisar de bloqueios ou amarras. É muito importante onde você está, criar um ciclo, criar uma comunidade. E eu acho que, principalmente, a comunidade gay está precisando de uma casa. Não é uma boate, é uma casa, sabe?”



---

O desejo de cada indivíduo na modelização da subjetividade é percebido na fala de Frank, em que ele relata que “antes de qualquer contestação que exista, é um groove que existe, então o que tira a gente de casa é o groove, é o som, é a batida, os DJs, as pessoas, a vontade de dançar, sabe? o resto vai acompanhando”.

Se, como vimos, a forma nômade de vivenciar o espaço-tempo da Ribeira permite uma maior liberdade e autonomia, é preciso que se faça acompanhar de uma mudança na percepção da subjetivação. A trajetos fixos correspondem subjetivações pré-determinadas. Como afirmam Deleuze e Guattari:

Uma das tarefas fundamentais do Estado é estriar o espaço sobre o qual reina, ou utilizar os espaços lisos como um meio de comunicação a serviço de um espaço estriado. Para qualquer Estado, não só é vital vencer o nomadismo, mas controlar as migrações e, mais geralmente, fazer valer uma zona de direitos sobre todo um "exterior", sobre o conjunto dos fluxos que atravessam o ecúmeno. Com efeito, sempre que possível o Estado empreende um processo de captura sobre fluxos de toda sorte, de populações, de mercadorias ou de comércio, de dinheiro ou de capitais, etc. Mas são necessários trajetos fixos, com direções bem determinadas, que limitem a velocidade, que regulem as circulações, que relativizem o movimento, que mensurem nos seus detalhes os movimentos relativos dos sujeitos e dos objetos. (DELEUZE e GUATTARI, 1997, p.59-60)

Para que os fluxos dos afetos circulem, sem serem definidos e capturados pelos aparelhos do Estado ou pelos poderes de exclusão e marginalização, é necessário que sujeitos e objetos não sejam substancializados, mas que sejam respeitados em seus devires e em suas reivindicações de processo de subjetivação. Portanto, que sejam polifônicos, em seus agenciamentos de enunciação coletiva, práticos, atuantes na vida real dos acontecimentos, ao invés de serem meras concepções teóricas, e intrinsecamente políticos no que tange sua oposição às identidades e aos sentidos pré-definidos.

## CONCLUSÃO

As novas tecnologias de comunicação permitem um maior controle da população, não somente por parte do Estado, mas também, e talvez principalmente, por parte dos interesses capitalistas de lucro e incentivo ao consumo. Entretanto, a impossibilidade de controle total dessas novas tecnologias abre igualmente possibilidades de reivindicação, de modos de viver e de agir mais autônomos. O nomadismo, com as novas configurações de espaço-tempo, é uma dessas formas, que

---

traz consigo uma nova formulação de subjetividades, consideradas a partir de sua materialidade. Aqui, percebe-se uma grande mudança de paradigma – o sujeito substancial, concebido por Descartes e confirmado por Kant, não mais reflete as questões da atualidade. Nosso momento atual parece apontar sem cessar para a problematização do conceito de sujeito, seja dentro de nosso modo de viver o espaço e o tempo, seja como enunciador individual, em prol da necessidade de pensar as subjetividades como múltiplas e em processo, da necessidade igualmente de nos pensar em conjunto, de forma coletiva e prática, no que temos em comum, ou seja, em nossa dimensão social, cultural e política. Novas subjetivações, novas identidades, mais fluidas, passam a ter lugar, espaço, para poderem viver e se expressar.

Essa perceptível mudança, descrita neste artigo, que abre espaço na sociedade atual, marcada pelas novas tecnologias e pela globalização, para outras tantas grandes mudanças nos modos de pensar e de agir, no modo de conceber saberes e identidades, parece ter na Ribeira, atualmente, um lugar privilegiado de expressão.

## REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Z. **Globalização: as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- DELEUZE, G., GUATTARI, F. **Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia, vol 5**. São Paulo: Editora 34, 1997.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.
- GUATTARI, F. Da produção de subjetividade. In: **Imagem-máquina**. PARENTE, A. (org). Rio de Janeiro: Editora 34, 1993, p. 177-191.
- GUATTARI, F. **Caosmose: um novo paradigma estético**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: Cartografias do Desejo**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- HARDT, M.; NEGRI, A. **Império**. Rio de Janeiro: Record, 2001.